



Declaração do CERQUI

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

dezembro de 2022

Dez meses de guerra na Ucrânia

*Estados Unidos impulsionam a escalada militar na Europa e no mundo
Somente a classe operária unida e organizada pode transformar a guerra de
dominação em guerra de libertação*

Não há perspectiva de finalização da guerra, que arruinou a Ucrânia e provocou milhares de mortos. Essas bárbaras consequências dessa guerra de dominação não se limitam ao povo ucraniano, vêm se manifestando também em todo o mundo na forma de agravamento da crise mundial, e, em particular, europeia.

O seu prolongamento é contrário à aspiração da maioria oprimida ucraniana, que mais sofre com os bombardeios, a destruição da infraestrutura e a derrocada econômica do país. Ainda que em situação distinta, cresce a apreensão em camadas da população russa, que se ressentem diante da morte de seus soldados. Tudo indica também que tem aumentado o temor entre os explorados europeus, que se deparam com a alta inflacionária, os baixos salários, a disputa comercial pelo mercado de gás e a estagnação do crescimento, com tendência à recessão. Com o passar do tempo, o recrudescente dos combates e a falta de perspectiva de solução vão sendo postos à luz do dia os interesses econômicos das potências, tendo à frente os dos Estados Unidos.

As greves que foram desencadeadas recentemente na Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Espanha indicam o crescente descontentamento dos setores de trabalhadores mais afetados pela alta das tarifas e pela inflação em geral. Ainda que permaneçam nos marcos das reivindicações econômicas, refletem as questões políticas que emergem da guerra, da posição dos governos e da aliança montada pelos Estados Unidos, tendo a OTAN como o principal instrumento de manutenção e prolongamento da conflagração, iniciada em 24 fevereiro, portanto, a dez meses.

A classe operária e os demais trabalhadores somente não se manifestam pelo fim da guerra devido ao bloqueio da burocracia sindical e dos partidos burgueses que influenciam as organizações do proletariado. Emerge, assim, de corpo inteiro, a crise mundial de direção. Observa-se, no entanto, objetivamente, a tendência à polarização entre a minoria exploradora e a maioria explorada. As democracias burguesas europeias decadentes não podem conviver com as greves e manifestações, sem que recorram à brutal repressão, como se constata na França.

É nesse marco que se fortalecem os agrupamentos ultradireitistas, de forma que na Alemanha assumem abertamente os ideários nazifascistas. E se projetam no seio do Estado e na governabilidade, a exemplo da Itália e Hungria. Na França, a ultradireita exerce uma forte oposição. A guerra na Ucrânia e o afogamento econômico da Europa colocam os governos social-democratas ou que professam a democracia de centro-direita em difícil situação, uma vez que se acham subordinados à política da potência norte-americana e já deram provas de que não podem encontrar uma solução à guerra que não seja a da expansão da União Europeia sobre a ex-repúblicas soviéticas, e, consequentemente, do cerco da OTAN à Rússia.

As massas, golpeadas pela longa crise econômica iniciada em 2008, pelos dois anos de aguda pandemia e, agora, pela guerra na Ucrânia, não podem permanecer passivas e sujeitar-se ao avanço da barbárie que toma espaço na velha civilização europeia. E a ultradireita força passagem retomando suas raízes fascistas lançadas na situação de decomposição do capitalismo, que levou o imperialismo a precipitar o mundo em duas guerras mundiais.

Não é um espantinho o perigo de uma terceira guerra, que transpareceu na decisão do imperialismo de avançar o cerco à Rússia e desencadear a guerra na Ucrânia. A escalada militar não se limita à Europa. Toma um novo fôlego na Ásia, impulsionada pela guerra comercial dos Estados Unidos contra a China. A decisão das potências de estender o raio de ação da OTAN para todos os continentes, e principalmente na região do Indo-Pacífico, evidencia a preparação para um confronto mundial de grandes proporções. O reforço armamentista de Taiwan, o acordo militar Aukus e a recente aprovação pelo governo japonês de dobrar o orçamento militar não deixam dúvidas de que os Estados Unidos impulsionam essa escalada com objetivos de manter sua hegemonia pela força das armas.

O prolongamento da guerra na Ucrânia faz parte dessa política geral do imperialismo norte-americano. Eis por que a coalizão de forças que vem sustentando dez meses de guerra, que se irradia para o centro da Europa, se ressentem das medidas norte-americanas de proteção aos seus interesses nacionais. A Europa ocidental arca com as consequências negativas da guerra, enquanto os Estados Unidos se beneficiam vendendo o gás liquefeito a um preço muito mais elevado que o gás fornecido pela Rússia e outros países produtores. A indústria armamentista norte-americana está exultante pelo fato dos estoques do Pentágono terem se esvaziado e os pedidos de reposição crescerem a todo vapor. Aproveitando essa situação, o governo de Biden despeja fartos subsídios aos setores da energia “limpa” e impõe seu monopólio à indústria de chips. A burguesia europeia faz os seus cálculos e vê uma perspectiva sombria, caso os Estados Unidos insistam na potenciação da guerra comercial. O problema não se restringe apenas à relação do velho continente com a América do Norte, mas desta com a China. A Alemanha vem demonstrando seu temor quanto a uma possível ruptura econômica com a China, que possa ocorrer devido à expansão da guerra na Ucrânia e à disputa na região do Indo-Pacífico.

São sintomáticas as vozes que vêm exortando os Estados Unidos e a Rússia a restabelecerem relações diplomáticas, objetivando um acordo de paz. O chanceler alemão, Olaf Scholz, por sua vez, referiu-se à necessidade de o governo chinês trabalhar junto à Rússia no sentido da finalização da guerra. E o presidente

da França, Emmanuel Macron, aproveitou o encontro com Joe Biden para demonstrar sua preocupação diante da ausência de esforços diplomáticos que viabilizassem uma solução para o conflito que, naquele momento, se arrastava por nove meses. Na reunião de novembro do G7, as potências procuraram rodear a China com o aceno verbal de que pretendiam arrefecer o conflito que se desenvolve em torno a Taiwan. Evidenciaram o entrelaçamento da guerra na Ucrânia com a guerra comercial no Indo-Pacífico, bem como com o fortalecimento militarista de Taiwan pelos Estados Unidos.

O governo norte-americano se valeu do palavreado pacificador dos europeus para dar um ultimato à Rússia. O fim da guerra dependia da retirada das tropas russas. Somente assim se estabeleceriam as negociações para um acordo de paz, que, como se vê, seria ditado pelo imperialismo. Na realidade, os Estados Unidos acertavam com o governo ucraniano um reforço militar e financeiro, para fazer frente à investida militar da Rússia, que passou a bombardear com mísseis a sua infraestrutura. O Congresso dos Estados Unidos aprovou novos recursos bilionários e o Pentágono decidiu enviar o sistema de defesa aérea Patriot, que até então tinha sido negado aos insistentes pedidos de Volodimir Zelenski. A presença do serviço ucraniano Zelenski no Congresso norte-americano foi a resposta de Biden à bandeira de Scholz e Macron de encontrar um caminho para a solução da guerra.

No momento em que os mísseis Patriots entram em ação, o envolvimento dos Estados Unidos na guerra se tornará mais ostensivo e direto, o que os aliados europeus procuraram evitar desde o início da conflagração, estabelecendo limites à intervenção da OTAN. Trata-se de um sistema de defesa caríssimo – cada disparo custa US\$ 4 milhões e os lançadores US\$ 10 milhões –, que corresponde às forças que pretendem atacar, e não apenas se defender. Já em março de 2022, imediatamente à invasão da Rússia à Ucrânia, baterias Patriots foram transferidas da base da OTAN na Alemanha para a Polônia, que serve de instrumento aos Estados Unidos e aliados para avançar o cerco econômico e militar à Rússia.

O imperialismo norte-americano aproveita, assim, a guerra da Ucrânia para ampliar a militarização da Europa. É sintomático que a Sérvia e Kosovo ameçam reabrir velhas feridas fronteiriças e étnicas da guerra civil que levou à intervenção da OTAN contra a Sérvia, e em favor da dissolução da República Socialista Federativa da Iugoslávia. O governo de Kosovo, agora, acusa a Rússia de incentivar a agressão dos sérvios. O recém conflito na sensível região dos Balcãs, certamente, reflete o que se passa na Ucrânia e a tendência à crescente militarização na Europa e no mundo. São sinais do esgotamento da partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial.

A decisão dos Estados Unidos de instalarem o sistema Patriot na Ucrânia, reforçando as bases militares da OTAN na Polónia, vai no sentido de prolongar a guerra e aumentar o perigo de a confrontação se expandir. Quanto mais a Ucrânia resistir, mais o tempo joga a favor da estratégia do imperialismo, dificultando a negociação de uma paz que sirva aos objetivos defensivos e protecionistas da Rússia. Embora as Forças Armadas da Ucrânia não tenham capacidade para transpor a guerra ao território russo, passaram a realizar intervenções pontuais atacando alvos militares, como é caso do ataque à base militar de Engels, onde se encontram aviões que podem carregar armas nucleares. Na retaguarda, a OTAN orienta os militares ucranianos.

O imperialismo somente admitirá o fim do conflito, caso a Rússia não mais consiga sustentar a prolongada guerra. É nessas condições que porta-vozes do próprio imperialismo indicam abrir negociações diplomáticas sobre a base das anexações de parte do território ucraniano pela Rússia, envolvendo não apenas Donbass mas também a Crimeia e a neutralidade da Ucrânia. O fato objetivo, no entanto, é que a guerra se prolonga, se agrava e ameaça transbordar as fronteiras da Ucrânia.

As experiências históricas com as guerras de dominação da época do capitalismo imperialista demonstram que somente o proletariado tem interesse em pôr fim a essas conflagrações. E para isso necessita de seu partido revolucionário, que transforme a guerra de dominação em guerra de libertação. É com o programa da revolução e do internacionalismo proletários que os explorados reúnem forças capazes de impor derrotas ao imperialismo e a toda forma de opressão de classe e nacional. A crise de direção histórica vem impossibilitando ao proletariado ucraniano, russo e europeu de se unirem pelo fim da guerra, sob o programa e a estratégia da revolução proletária.

A guerra da Ucrânia se reveste de uma particularidade histórica, que expressa de um lado a ofensiva do imperialismo pela conquista de território antes controlado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); e, de outro, a Rússia restauracionista que não pode perder a ascendência territorial sem exercer a opressão nacional sobre as ex-repúblicas soviéticas. Em 26 de dezembro de 1991, oficializou-se a dissolução da URSS, portanto a 31 anos atrás. A URSS foi a mais avançada conquista do proletariado mundial, cuja declaração de criação data de 29 de dezembro de 1922. A República Socialista da Ucrânia ocupou um lugar fundamental para a vitória da Revolução Russa contra a reação do imperialismo e das forças internas voltadas a preservar a propriedade privada dos meios de produção e a ditadura de classe da burguesia. A desintegração da URSS resultou do processo de restauração capitalista e do cerco imperialista, que, hoje, tomou a forma de expansionismo sobre o amplo e rico território da Eurásia, ainda mantido em grande medida sob a ascendência da Rússia, que ocupa um lugar, na ordem capitalista, de potência regional.

A profunda crise de direção não se iniciou com o fim da URSS. Pelo contrário, o fortalecimento da contrarrevolução restauracionista, encarnada pelo estalinismo, em detrimento das forças internacionais da revolução socialista, encarnada pelo marxismo-leninismo-trotskismo, é que desembocou na liquidação da URSS. Eis por que a Rússia não trava uma guerra de libertação da Ucrânia do domínio imperialista e da oligarquia ucraniana sobre a maioria oprimida. Em defesa de interesses capitalistas advindos da restauração burguesa, utiliza-se de seu poder para subordinar ou manter subordinadas as ex-repúblicas soviéticas, que são atraídas pelas forças econômicas, políticas e culturais do imperialismo.

A política do proletariado reconhece em primeira instância a ofensiva do imperialismo como causadora da guerra, transformando a Ucrânia em bucha de canhão. É o que demonstram os acontecimentos da bárbara guerra que há dez meses se mantém, sem perspectiva de solução. Mas, não desconhece a opressão nacional exercida pela Rússia, praticada como meio e forma de manter seu poder regional, herdado das conquistas da revolução de Outubro de 1917 e da gloriosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O proletariado ainda não está em condições de se erguer como força revolucionária para pôr fim à guerra, mas tem sua experiência resguardada pela história da luta de classes e dos combates em direção à sociedade sem classes, a sociedade comunista. Cabe à sua vanguarda com consciência de classe tomar a frente da luta pelo fim da guerra. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), desde o início da guerra, vem respondendo com uma campanha internacionalista. Hoje, diante dos dez meses de guerra, convoca os explorados a lutarem sob as bandeiras do proletariado: fim da guerra, desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas da Europa, revogação das sanções econômico-financeiras à Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Por uma paz sem os imperativos do imperialismo, uma paz sem anexações